

“O CORPO QUER, A ALMA ENTENDE” (?): ATRAVESSAMENTOS RELIGIOSOS NA IDENTIDADE DOCENTE DO CORPO-TERRITÓRIO-LGBT+

*Janivaldo Pacheco Cordeiro**
Instituto Federal do Espírito Santo
<https://orcid.org/0000-0002-6165-7589>

*Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios***
Universidade do Estado da Bahia
<https://orcid.org/0000-0003-1827-3966>

RESUMO

Fundamentados na ideia de corpo-território (Miranda) e corpos Transviad@s (Bento), enredamos pelas histórias de vida de professores/as transviados/as atravessadas pela questão religiosa em sua constituição identitária de corpo-território-LGBT+ e como suas representações e representatividades docentes absorveram e absorvem esses movimentos outros nos cotidianos escolares. Por meio de narrativas (auto)biográficas concedidas por entrevista narrativa e produção de autorretratos, quatro professores/as (dois gays, uma lésbica e um bi/pansexual) da Educação Básica da Bahia relataram algumas narrativas-vida apontando como a religião/religiosidade/crença atravessaram e produziram suas identidades pessoais e profissionais, percebendo, inclusive, o ciclo repetir-se entre os/as educandos/as. Os resultados indicam que o/a professor/a transviado/a tem suas identidades (in)quietadas pelo sentimento de não pertencimento, demarcadas por vazios existenciais, invisibilização e questionamentos sobre si mesmos/as.

Palavras-chave: Representação e Representatividade LGBTQIA+; Atravessamentos religiosos; Narrativas (Auto)biográficas; Educação Básica; Docência

ABSTRACT

“THE BODY WANTS, THE SOUL UNDERSTANDS” (?): RELIGIOUS CROSSINGS IN THE TEACHING IDENTITY OF THE LGBT+ BODY-TERRITORY

Based on the idea of body-territory (Miranda) and in “Transviad@s” (Bento),

* Doutor em Educação e Contemporaneidade (Uneb/BA) com estágio doutoral no departamento de sociologia da Universidade de Brasília (UNB). Professor da Coordenadoria de Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo, campus/Vitória. Integrante do Grupo de Pesquisa DIVERSO e líder do Grupo de Pesquisa DEVires. Vitória- Espírito Santo. E-mail: janivaldocordeiro@gmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Buenos Aires. Professora Titular Plena da Universidade do Estado da Bahia UNEB. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade PPGEDUC/UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa DIVERSO. Salvador - Bahia. E-mail: jrios@uneb.br

we intertwine the life stories of queer teachers, crossed by the religious issue in their constitution of the body-territory-LGBT+ identity, and how their teaching representations and representativities absorbed and absorb these other movements in school institutions. Through (auto)biographical narratives granted by narrative interviews and self-portrait production, four teachers (two gay, one lesbian, and one bi/pansexual) from Basic Education in Bahia reported some life narratives, pointing out how religion/religiosity/belief intersected and produced their personal and professional identities, perceiving, even, the cycle repeating among the students. The results indicate that the transviad@ teacher has their identities (un)settled by the feeling of non-belonging, marked by existential voids, invisibility, and self-questioning.

Keywords: Representation and Representativeness of LGBTQIA+; Religious Crossings; (Auto)Biographical Narratives; Basic Education; Teaching.

RESUMEN

“EL CUERPO QUIERE, EL ALMA ENTIENDE” (?): ENTRECRUZAMIENTOS RELIGIOSOS EN LA IDENTIDAD DOCENTE DEL CUERPO-TERRITORIO-LGBT+

Basados en la idea del cuerpo-territorio desarrollada por Eduardo Miranda y de Transviad@s de Berenice Bento, entretejamos las historias de vida de profesores(as) queer entrecruzadas por la cuestión religiosa en su constitución identitaria del cuerpo-territorio-LGBT+ y cómo sus representaciones y representatividades docentes absorbieron y absorben esos movimientos en las instituciones escolares. A través de relatos (auto) biográficos proporcionados por la entrevista narrativa y la producción de autorretratos, cuatro profesores (dos gays, una lesbiana y un bi/pansexual) del sistema de Educación Básica de Bahia relataron algunas experiencias de vida señalando cómo la religión/religiosidad/creencia permearon y produjeron sus identidades personales y profesionales, percatándose, incluso, de que el ciclo se repetía entre los alumnos. Los resultados indican que los profesores(as) queer tienen sus identidades (in)quietadas por el sentimiento de no pertenencia, delimitadas por vacíos existenciales, invisibilidad y cuestionamientos sobre sí mismos.

Palabras clave; Representación y representatividad LGBTQIA+; Entrecruzamientos religiosos; Narrativas (Auto)biográficas; Enseñanza; Educación básica

É a própria fé o que destrói

*Viajamos sete léguas
Por entre abismos e florestas
Por Deus, nunca me vi tão só
É a própria fé o que destrói
Estes são dias desleais*
(Renato Russo, Metal contra as nuvens)¹

Esta escrita origina-se da tese *Corpo-território-LGBT+: imagens e narrativas de professores/as transviados/as² na Educação Básica*, desenvolvida pelo primeiro autor e orientada pela segunda autora, e foi aprovada Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia, sob Parecer nº 4.565.257. O objetivo do estudo foi investigar imagens e narrativas de professores/as transviados/as da Educação Básica da Bahia, pensando em movimentos de representação e representatividade docentes LGBTQIA+. Entre os objetivos específicos, buscamos identificar os atravessamentos que constituem o corpo-território desses/as docentes em processos formativos escolares e, dentre esses atravessamentos, tratamos, neste recorte, de discussões acerca da religião e sexualidades *dissidentes* que emergiram espontaneamente em quatro das sete entrevistas narrativas concedidas pelos/as colaboradores/as da tese.

Especificamos o caráter espontâneo dessa relação pois na Entrevista Narrativa os/as colaboradores/as foram motivados/as a relatarem sobre os atravessamentos que ajudaram a constituir suas identidades pessoais e profissionais de acordo com os objetivos apresentados na tese, os quais não incluíam a religiosidade.

Assim, este artigo objetiva discursar sobre os atravessamentos que discursos religiosos produzem no corpo-território de professores/as LGBTQ+, bem como os movimentos que esses atravessamentos (re)produzem e constituem as identidades docentes dos corpos-transviados no cotidiano escolar da Educação Básica. O presente estudo é vinculado à pesquisa mestrado *Profissão docente na Educação Básica da Bahia*, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa DIVERSO, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

“E sei que devo resistir”³

Foi ainda criança que ouvi de um dos/as idealizadores/as de uma escola religiosa, que estava sendo construída em uma minúscula cidade do interior de Minas Gerais, divisa com a Bahia, que lá não haveria espaço para professores/as homossexuais e nem mães solteiras, como ocorria em outras instituições. O homem continuou falando, embasado em suas interpretações do cristianismo e dentro daquilo que, para ele, se referia à moral, aos bons costumes e aos princípios do respeito, ao mesmo tempo em que meus pensamentos vagavam sobre o peso que eu carregava em meu próprio corpo-território, concordando afirmativamente com a cabeça e introjetando aquelas ideias que confirmavam as errâncias e a subumanidade de minha existência. Eu estava só; embora em presença de outras pessoas, ouvindo o seu *decreto*, aquilo pareceu-me um forte indicativo de que, por muito tempo, aquela luta seria só minha: eu comigo e eu com Deus. Era como se aquelas palavras que cruzaram o meu caminho, envolvidas e enaltecidas por sua doutrina religiosa, tivessem não apenas o propósito de se estabelecer como *verdade*, mas como o único regime de verdade à qual devem assujeitar-se os corpos. Acerca disso, Foucault (1996, p. 43) pontua que “a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes

1 Os trechos entre aspas da canção “Metal contra Nuvens” compõem o título principal desse artigo, bem como a epígrafe, os subtítulos e a mensagem final. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/legiao-urbana/46952/>. Acesso em: 29 maio 2023.

2 No texto, é de Bento (2017) que reproduzimos o termo *Transviad@s* para transviados/as, como uma tentativa da autora de traduzir os significados do *queer* para o Brasil. Para ela, podem ser assim considerados/as os pejorativos “bicha louca”, “viado”, “sapatão”, “*um* travesti”, “*o* traveco” entre outros usados para essas identidades. Ainda que o termo possa ser abrangente para classificar quaisquer desvios da norma, tem neste texto o sentido de denominar o coletivo de pessoas LGBTQIA+.

3 Experiência escrita em primeira pessoa do singular pelo primeiro autor do artigo, conforme implicação apresentada em sua pesquisa-tese.

proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros”. Óbvio que, nessa lógica, existência como a minha era *a proibida* e me *diferenciava* de todos/as os/as outros/as.

Atento àquelas palavras, meu pequeno corpo-transviado não poderia sentir outra coisa senão o medo por algo ainda incompreensível e inalcançável em tão tenra idade; o mesmo sentimento incerto que me fazia acreditar em e duvidar de um ser superior em cujo nome, mesmo sendo eu seu filho, seria aplicado um castigo por Ele ter me feito assim – por ser quem sou! A própria fé é o que nos destrói?

Desde cedo, eu sabia que era diferente e palavras como as daquele homem corriqueiramente indicavam que essa diferença produzia destaques dos quais eu tentava me desvencilhar, bem como confirmavam a minha condição de incompletude, constituindo-me pela negação, solidão e clandestinidade de mim mesmo, destituindo-me de qualquer possibilidade de estar próximo daquela *normalidade* defendida pelas pessoas ou de compartilhar com elas da vivência saudável de que qualquer criança necessita, fabricando, assim, contextos (in)quietantes e permanentes. Conforme fui crescendo, passei a questionar por que logo eu tinha sido afetado por essa *inconsistência* entre o sexo e o desejo, e o quanto isso me distanciava dos preceitos religiosos aos quais estava submetido e que depositavam em mim o penoso fardo do pecado acompanhado pelo eco das palavras repetidas à exaustão. Além disso, também modelavam as minhas performances e produziam os ritos necessários para (re)existir (ou me omitir, *inquietar*) dentro da minha diferença: “os efeminados não herdarão o reino de Deus”⁴. Por muito tempo, *nunca me vi tão só!* Que interpretações eram essas que colocavam o medo, o ódio, o preconceito, as discriminações, as abjeções em corpos outros, também criados pelo próprio Deus?

O poder do discurso daquele homem, exposto abertamente sem qualquer senso de constrangimento, ditava em concordância com os/as presentes o que se podia e o que não se podia ser, quem poderia e quem nunca poderia, quem seria e quem jamais seria adequado/a às suas normas. O discurso dele – aliás, aquele discurso – não era uma exclusividade sua: ele habitava outros lugares, outras narrativas, outros corpos dentro e fora das igrejas, das escolas, dos comércios, das famílias... estava presente nas chacotas, nas decisões dessas instituições, nas vigilâncias e punições e, claro, nos chicotes que impulsionavam a construção (e correção) do/a outro/a abjeto/a.

Cada palavra dita evidenciava a norma usando a religião para justificar preconceitos e arrumando seus próprios meios para distanciar dela quaisquer corpos-transviados, a fim de manter no ordenamento o poder de vigiá-los, julgá-los e puni-los por aqueles ritos performativos que, por mais que muitos de nós tentássemos, não eram *incorporados* às nossas práticas. Ademais, não estando de acordo com o que a doutrina enunciava, eram veementemente proibidos de serem *quem* ou *o que* eram, ligando-os, desse modo, pelo sofrimento, a outros corpos semelhantes, ao mesmo tempo em que alguns desses corpos preferiram distanciar-se para que outras imagens e narrativas não lhes fossem automaticamente atreladas.

A dissidência na sexualidade liga os/as indivíduos/as e, simultaneamente, os/as diferencia de todos/as os/as outros/as. A essa dissidência deram o poder de produzir as fissuras no *Eu*, a incompletude da existência, o descrédito como pessoa, o afastamento do divino, e de promover o isolamento social que pune, condena, fere, crucifica, distancia, silencia, invisibiliza, abandona e, na pior das hipóteses, mata na obriedade do suplício eterno da alma. Grande parte de minha existência foi afetada por esses sentimentos que atravessaram a minha identidade, produzindo o meu *eu atormentado* por uma força superior que (segundo a norma) não perdoa! Assim, é a partir das

4 Coríntios 6 – 9.

experiências do meu próprio corpo-transviado que escrevemos e vamos nos constituindo como corpos-territórios.

“Eu sou metal, raio, relâmpago e trovão”: imagens(auto) narrativas do corpo-território

Por meio da *confusão* entre corpo, mente, sexo e desejo, passamos a nos perceber fora dos protagonismos das histórias contadas e recontadas com ênfase e orgulho, e ouvíamos as histórias outras como piadas, deboches, as quais davam plenos poderes para quem as contava e apontavam o/a outro/a descentralizado/a e constituído pela identidade marginal. Contudo, o fato de corpos-transviados (e aqui podemos generalizar em LGBTQIA+, mulheres cis, pessoas pretas entre outras dissidências) serem concebidos na diferença não poderia retirar deles a possibilidade de serem protagonistas de suas próprias histórias, serem heróis/heroínas delas e se (re)posicionarem como possibilidade potente de vida e representatividade. “É nesse desvelamento que me deparo com o fenômeno da pesquisa, com o fazer científico, imbricando minha história, meus fazeres, dizeres e saberes com o dos outros” (Rios, 2008, p. 30).

De alguma forma, a recorrência dos risos jocosos contribuiu para pensar/praticar corpo e mente como entidades separadas, em que os desejos fossem do corpo e a racionalidade fosse da mente – e, nesse caso, corpo e mente vagavam em caminhos opostos, iam de encontro ao canto de Renato Russo (1960-1996) em *Metal contra as nuvens*: “O corpo quer, a alma entende!”. Entendia não! O que nosso corpo desejava condenaria nossa alma ao inferno, conduzia-nos à ilegitimidade, ao abjeto. É claro que ela não entendia. A sensação era a de que anjos e demônios ocupavam partes diferentes nas corporalidades, provocando tempestades, raios, trovões e relâmpagos; coabitavam o mesmo espaço e duelavam na conquista do corpo-território, que questionava: *sendo*

a racionalidade algo da mente, seria possível controlar os desejos do corpo?

Para Miranda (2020, p. 25), “[...] corpo-território é um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa”. Analogamente, o corpo-território-LGBT+ é vislumbrado como o corpo-transviado que tem suas experiências, e/ou as invisibilidades delas, marcadas *costumeiramente* por imagens e narrativas de violências verbais e físicas em razão de sua *dissidência* sexual e de gênero, esta amenizada ou potencializada por outros marcadores sociais da diferença, entre eles, a raça, a classe social, a religião, a compleição física e/ou outras diferenças apontadas, discriminadas e não reconhecidas pela norma. Nesse contexto é o corpo perspectivado automaticamente com imagens e narrativas ou narrativas imagens que, mesmo quando se sobressaem por qualquer destaque positivo, vêm acompanhadas de um *mas*, um *porém* que (re)posiciona esse corpo nas zonas do vazio existencial alumado pela tênue luz da invisibilidade. Embora contestados, esses corpos-contrastes precisam e querem desvincular-se da ideia pecaminosa que cerceia suas existências, reconfigurando-se corpo-(re)existência e como vidas que desejam ou tensionam as religiosidades.

Na docência, torna-se um corpo-texto-rasurado em que imagens e narrativas são automaticamente atreladas à anormalidade, a perversões, desconfianças, vigilâncias e subumanidade. É o corpo que fala pelo olhar do/a outro/a, cuja (auto)biografia já é preconcebida pelo julgamento de sua existência *transviada* e por outras histórias que o constituem na incompletude, na impureza das relações, no sentimento de inverdade. Também fabricam sua realidade (auto)incompreendida ao produzirem o olhar vigilante sobre si mesmo e exigem planejamento dos seus atos e comportamentos para impedir que sua identidade sexual comprometa sua identidade profissional. Historicamente, deseja-se mantê-lo como um corpo sem história e sem voz, julgado e fadado

à contenção e ao silenciamento de seus modos, afetos e experiências.

Para Butler, (2017, p. 64). “[...] quando se julgam as pessoas por serem quem são, estabelece invariavelmente uma distância moral clara entre quem julga e quem é julgado”. Nesse sentido, o corpo que apresenta qualquer comportamento que se distancie do que foi definido como normal está condenado às perspectivas, aos preconceitos e às punições por aqueles/as estabelecidos/as no diagrama do poder. Desse ponto, imagens e narrativas começam a integrar o cotidiano do corpo-transviado como o corpo impróprio, desprovido de qualquer possibilidade de existir e/ou se representar como modelo. Os ataques e olhares diferenciados tornam-se tão naturais que muitos/as de nós passamos a nos perceber ou nos reconhecer dentro daquilo que nos é atribuído, de tal forma que os internalizamos como parte da própria constituição identitária, e falar sobre ela é falar principalmente de dores.

Nós, que temos alguns marcadores das subalternidades, *no meu caso um corpo gay*, somos educados a odiar o nosso próprio corpo. Somos educados a se encaixar em uma territorialidade que os nossos desejos e afetos não encontram. Visualizar um corpo gay, um corpo trans, um corpo lésbico e compreender que aquela corporeidade também cria felicidades requereu constante desterritorialização de tudo que aprendi sobre gênero e sexualidade (Miranda, 2020, p. 183, grifos nossos).

Assim, diante das experiências que constituíram a identidade do primeiro autor, deduzimos que a questão religiosa também estaria como um fabricante de performances que atravessaria as identidades dos/as docentes LGBTQIA+ participantes da pesquisa – embora, como já dissemos, tal objetivo não tenha precedido as observações. Desse modo, foi imprescindível mergulhar na escrita, na observação e na escuta das imagens e narrativas dos/as colaboradores/as da investigação, sem, no entanto, nos distanciarmos delas, pois também falavam nós, não apenas do sentimento de ódio sobre aquele *Eu*, como também sobre

“[...] o fardo dos ‘problemas de mulher’, essa configuração histórica de uma indisposição feminina sem nome, que mal disfarça a noção de que ser mulher é uma indisposição natural (Butler, 2019, p. 8).

Estávamos imersos/as naquelas imagens e narrativas pois também podíamos senti-las, uma vez que eram minhas/nossas dores territorializadas em outros corpos, eram do coletivo das identidades marginalizadas, estávamos ancorados/as em Delory-Monberger (2006, p. 34, grifos da autora), ao perceber que éramos nós (e os nós) nas palavras dela “[...] é o *Eu* que me inscreve ao mesmo tempo como *sujeito-narrador* e como *sujeito-ator* da história, que eu conto sobre mim mesmo”.

Logo, estávamos implicados com a pesquisa ao nos tornarmos sujeitos/as-autores/as-narradores/as das narrativas (auto)biográficas com que eles nos presentearam, demonstrando que “Por mais que façamos os disfarces ou maquiagens acadêmicas para alcançarmos a tal desejada linguagem insípida e inodora da ciência, quando escrevemos, nos revelamos. O escrito sobre os Outros, antes de tudo, é uma escrita sobre nós mesmos” (Bento, 2021, p. 161, grifos da autora).

Então, apostamos na pesquisa narrativa (Clandinin; Connely, 2015) e nas narrativas (auto)biográficas colhidas por meio de entrevista narrativa e da escrita do autorretrato como possibilidades de produção das histórias de vida. Nesse recorte, concentramo-nos nas histórias de vida de quatro participantes em cujas narrativas a questão religiosa atravessou os seus corpos e, de alguma forma, marcou a construção de suas identidades. São eles/a: Babafemi, Beta Queer (professores gays), Billy (professor bi/pansexual) e Frida⁵ (professora lésbica). Desses/a, somente Frida assumiu ter sido “criada” dentro da igreja católica e ter estudado em escola confessional.

5 Todos os nomes são fictícios e escolhidos pelos/as próprios/as colaboradores/as. Os/As participantes tiveram acesso a e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

“É a verdade o que assombra. O descaso que condena. A estupidez, o que destrói”: imagens e narrativas de (não) vida dos corpos-transviados

Em *Relatar a si mesmo*, Butler (2017, p.18) expõe a criação de si e os modos de assujeitamento a essa instituição condenatória e estúpida que fabrica as normalidades produzindo e mantendo feridas (no corpo e na alma) para a produção do corpo dócil, ancorados/as na assertiva de que “não há criação de si fora das normas que orquestram as formas possíveis que o sujeito deve assumir”. Ao pensar nessa relação do conhecer a si mesmo e do *relatar a si mesmo* como instigador de saberes, inclusive dos saberes pessoais e profissionais, deparamo-nos com as *verdades* sempre lançadas como regra e que, de um jeito ou de outro, atravessam os corpos-transviados sem reconhecê-los como sujeitos/as legítimos/as, desestabilizando-os e levando-os a introjetarem o caráter de inumano.

Nesse contexto, é preciso pensar que “discorrer sobre a categoria corpo-território requer um compromisso pessoal em viver e comprovar na minha realidade a referida perspectiva” (Miranda, 2020, p. 39) e, neste sentido, o (re)conhecimento de si e os movimentos de (re)existência produzem sentidos outros de representação e representatividade. Em outras palavras, o que queremos dizer é que o reconhecimento de si como sujeito/a legítimo/a é atravessado por normas que orquestram nossas formas de viver, produzindo as fissuras que compõem nossas identidades.

O trecho do autorretrato de Billy reproduzido a seguir mostra seus *problemas* com a própria identidade e a necessidade assujeitada a uma definição que o (re)posicionasse dentro desse diagrama e daquelas *formas em que o/a sujeito/a pode*, quase como uma obrigação, se assumir, se realizar a partir do corpo-território possível de legitimidade.

Na intensidade que sempre marcou minha essência, nos positivos e negativos das experiências juvenis. Me apaixonei loucamente pelas pessoas, e ainda não sabia ao certo como chamar isso. Descobri por consequência o buraco profundo do vazio de questionar a existência. A dúvida pela primeira vez foi minha condenação. Era lá ou era cá? A falta de pertencimento me levava a um lugar de repulsa, própria. Não sabia canalizar tanta potência criativa, sexual. Junto ao fosso existencial, veio sua contraparte, a voz incessante e obsessiva da ansiedade. Só fui me resolver (sem me desfazer) com elas na época de faculdade, onde as catarses eram múltiplas. Pela primeira vez consegui traçar um caminho saudável para caminhar com meus demônios. E seria justamente na troca intensa com a dúvida, dos outros (Billy, professor cis bi/pansexual em Autorretrato, 2021).

Ainda que Billy não recorresse exatamente ao divino, inferimos que o questionamento da existência envolveu um vazio incompreendido, de incompletude, de inadequação, talvez assujeitado, como supõe Butler (2017), a normas impressas pela sociedade/igreja e reproduzidas pelas famílias que o desclassificaram como corpo-território, e do não lugar de onde não conseguia vislumbrar qualquer pertencimento. Assim, lutou contra os demônios que atazanaram a sua identidade, o distanciaram da normalidade, condenado e condenando-se por aquelas palavras e perspectivas que o distanciaram dos discursos reprodutores da *verdade divina*, interpretada convenientemente pelo homem “normal”. Diante disso, a batalha de Billy também foi contra si mesmo, precisou conviver com os demônios, as dúvidas próprias e ser assombrado pelos olhares do/a outro/a, por falta de algo que não *apenas* o autorizasse a se definir, mas que o determinasse como sujeito e, baseado nisso, criar suas próprias (re) existências. Para Louro (2014, p. 69), “[...] a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças”. Contudo, enquanto Billy necessitava da linguagem para ter clareza sobre suas corporalidades, no autorretrato de Beta Queer notamos que ele foi

instituído pelo *abuso* da linguagem, dos vocabulários que, desde criança, o (re)posicionaram às margens por sua diferença e destituíram-no de poder e da possibilidade de existência.

A professora chamou meu nome, respondi. ‘Viado!’, escutei alguém atrás de mim cochichar. Passei o dia inteiro, a semana inteira, o mês inteiro, o ano inteiro neste ritual e tentando entender o apelido. No ano seguinte, como uma erva daninha, meu apelido se multiplicou: viado era para o início da aula; bicha para o intervalo; e baitola para a hora de ir embora. E o baitola ia embora triste e frustrado por ser aquilo que não devia e que não havia escolhido. ‘Por que eu sou assim?’. ‘Será que tem cura?’. ‘Deus deve estar me castigando agora mesmo’. ‘Eu sou um pecado?’ – e por entre essas mil perguntas e reflexões, eu tentei caminhar como se devia, tentei segurar minha mochila como se devia, tentei me coçar como se devia, tentei ser como se devia. Eu nunca consegui ser como se devia – pra eles. (Beta Queer, professor cis gay em Autorretrato, 2021)

O fosso existencial de Beta Queer cobriu-o em zonas inabitáveis de existência. Ser gay, viado, baitola em diferentes tempos e, ao mesmo tempo, ser o acúmulo de tudo isso, o fazia sentir-se triste, frustrado e questionar quais pecados teria cometido para ser merecedor de tamanho castigo. Ao tentar fugir de si mesmo, Beta Queer produzia os ritos performativos necessários para passar ileso ao escrutínio da norma, ser parte dela, não incomodar a paisagem: ser menino, homem, macho! Nesse contexto, tentou modelar seus jeitos e gestos e livrar-se do castigo divino, da *doença* que desconhece ter cura, do sentimento pecaminoso e da conformidade da punição vinda de Deus.

Seu relato evidencia que as chacotas que atravessaram os seus corpos-transviados, pelas performances consideradas femininas, funcionavam como chicote que tentava endireitá-los e reposicioná-los na masculinidade esperada. Não bastava, desse modo, conceber uma incompletude, uma inferioridade e inconformidade fabricada pela norma; essa mesma norma deveria apontar constantemente o caráter de abjeção desses corpos, suas imagens e narrativas (re)posicionadas como efeitos da

não ocupação, do não lugar e/ou da não existência e, para isso, a religião, a bíblia, o Cristo, o inferno e seus demônios eram *sobrenaturalmente* invocados como forma de garantir a produção/normalização/dominação da cis heteronormatividade por meio da vigilância e do castigo. “Forma-se, então, uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (Foucault, 2013, p. 133), como retratado no relato a seguir:

Eu ficava o tempo todo tentando controlar a minha existência. E, aí, quando eu entrei no período da adolescência, que começou o tabu. Que eu já entendia o que era esse ser viado, o que era ser baitola e eu sabia que não podia. E foi nesse período que a questão religiosa bateu na minha cara. Porque sempre tinha aquela coisa ‘gay é pecado e não sei o quê!’ E eu ficava muito ‘então, eu sou um pecado, não posso... não posso’. E aí ficava muito de querer sair desse lugar e ficava reprimindo (Beta Queer, professor cis gay em Entrevista Narrativa, 2021).

Nesse contexto e percurso, o medo e o silêncio tornam-se não apenas parceiros com quem compartilhamos e reprimimos nossa existência, e sim constitutivos dela, fazendo com que o corpo-transviado construa-se no limbo, na abjeção, na ilegitimidade de suas experiências, no corpo *infernado* e sem discurso, sem perdão, sem representação e representatividade, *esquadrinhado, desarticulado* e (re)composto pelo sistema cristão heteronormativo. “Esvaziar o outro de singularidade, de biografia e jogá-lo dentro de uma narrativa a-histórica, naturalizando comportamentos e subjetividades, tem sido uma poderosa estratégia discursiva que tem efeitos letais” (Bento, 2021, p. 118). Dessa forma, o corpo vazio, sem história, não narrável, *vive* (se é que pode ser este o verbo) uma vida-morta, que até *justifica* sua qualidade de não existência, e, de outro modo, essencializa *comportamentos e subjetividades endemoniadas*. Também *justificaria* as razões das violências

sofridas, as exclusões e os preconceitos como os praticados cotidianamente nas sociedades ao perseguirem corpos-transviados para que não sejam visibilizados nem ocupem espaços representativos como forma de legitimar suas existências.

Billy e Beta Queer entendem os contextos e lugares (in)quietantes da produção do corpo-transviado, em que singularidades como as deles são (re)posicionadas pelo temor e esvaziamento existencial, sendo absorvidos como *verdades* a serem reproduzidas – ou, pelo menos, ficarem intocadas nos diversos tempos e espaços que os atravessam. Nesse contexto, provavelmente seriam aqueles que, se porventura viessem a se tornar professores, não trabalhariam em escolas como aquela citada na introdução deste texto, caso nos inclinássemos pelos caminhos do *homossexualismo*⁶.

Isso ocorreria porque a homofobia e o machismo intrínsecos ao fundamentalismo religioso exibido pelo idealizador daquela escola, com suposta superioridade e orgulho, seriam diferenciais para que mães e pais pudessem matricular seus/suas filhos/as na instituição que não ensinava aos/às estudantes práticas abominadas pela igreja, nem permitia representações e representatividades de corpos-transviados, especialmente em posições nas quais pudessem ser valorizados ou reconhecidos. “Aparentemente, a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra – mais ou menos flexível – de conformidade com os discursos validados” (Foucault, 1996, p. 42). Essa lógica talvez explique o porquê de não se encontrarem, naqueles tempos (entre as décadas de 1980 e 1990), abertamente essas identidades *dissidentes* em diversos espaços profissionais. Não é que elas não existissem; elas estavam lá, camufladas talvez por um viés doutrinário que

6 O propósito de trazer ‘homossexualismo’ e não ‘homossexualidade’ é justamente capturar a forma patológica como esses corpos eram vistos e que, de certa forma, habita o imaginário social e era *defendida* pela ciência à época dos fatos narrados – tal evento ocorreu quando eu era pré-adolescente e, naquele período, o discurso religioso afetou diretamente meu corpo-transviado.

as ligava, ao mesmo tempo em que as diferenciava, bem como impossibilitava falar sobre elas, constituindo-as, assim, pela clandestinidade e invisibilidade de suas experiências. O assumir e o não assumir eram balizadores das questões para a sobrevivência, de conseguir os meios de se obter trabalho, porém negando a própria identidade, camuflando-a nos corpos que não poderiam ser representados e, menos ainda, espelharem-se como representatividade, pois a escola

[...] é um local em que, através das práticas discursivas desenvolvidas pela comunidade escolar, sobretudo pelos professores e professoras, os sujeitos [...] aprendem a se representar e representar os outros no mundo social assim como são representados pelos outros em um movimento premente de sentidos ambivalentes adquiridos a partir de outros saberes que são vivenciados fora do ambiente escolar (Rios, 2008, p. 150-151).

“Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*” (Louro, 2014, p. 65, grifos da autora). Logicamente, a *preferência* seria por movimentos contínuos de *normalidade*, de imagens e narrativas de corpos apenas inteligíveis e de discursos que não pudessem, de alguma forma, despertar para outras corporalidades, para outras experiências e, assim, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 1996, p. 37). De outro modo, a contratação de professores/as transviados/as *permitiria* visibilizá-los/as nessas instituições, de forma que movimentos e sentidos ambivalentes construídos fora da escola passariam a ser *legitimados* dentro da escola. Nesse sentido, a exposição de uma sexualidade ou de um gênero contra-hegemônico dentro e fora da escola tem um papel discursivo de poder e (re)existência, embora não seja clara para o corpo-território essa dimensão. Logo, a ação do poder daquele homem branco, cristão, pai de família, era quem decidia os modos de vivência, convivência e práticas discursivas colocadas em pauta em sua comunidade esco-

lar, satisfazendo *a ordem do discurso* apenas de corpos *qualificados* para fazê-lo, mas ampliando as interpretações marginalizadoras do cristianismo para além do próprio meio e, reproduzindo, assim, ações discriminatórias e preconceituosas contra pessoas LGBTQ+. O discurso coercitivamente imbricado na fala daquele que supostamente detém o poder e *fala em nome de Deus* prolonga os mecanismos de verdade e sujeição (re)produzidos pela *igreja* e contribui bastante para a produção da identidade do corpo-território-LGBT+.

[...] minha relação... relacionada à religião [...] foi uma relação de muita autorreflexão. Eu olhava as coisas e dizia 'nossa, amor ao próximo como a si mesmo. Amor a Deus sobre todas as coisas, como?'. Essas são as duas premissas da religião católica que mais eu questionava, principalmente o amor ao próximo como a si mesmo. Eu me sentia tão ferida, mas tão ferida, muitas vezes, ali dentro que eu dizia: 'vocês gostariam de se ferir o tanto que me ferem? Então, como é que é essa lógica do amor ao próximo como a si mesmo? Porque vocês me ferem profundamente! A forma como vocês conduzem...' dentro da própria igreja, eu sentia isso! Não que as pessoas me dissessem nada, diretamente me chamassem: 'ah, fulana você é isso!', ah, mas eu sentia e sempre senti na minha vida, em alguns espaços... alguns espaços, inclusive a escola, um espaço em que eu sentia um tanto... esquivo. Primeiro, porque eu também tinha minha autodefesa já de achar: 'meu Deus, todo mundo tá vendo!' e como todo mundo tá vendo, não poderia ver, isso tem que ser velado, isso não pode ser assim pra todo mundo ver, daqui a pouco os meninos [alunos/as] não vão me respeitar por conta de que essa minha sexualidade tá em evidência de alguma maneira, então, isso era uma coisa muito forte, sempre caminhou comigo, de ser discreta (Frida, professora cis lésbica em Entrevista Narrativa, 2021).

Em sua fala emocionada, Frida se (re)posicionou dentro dos seus ciclos, "Por ser uma pessoa que vem de uma família que tem essa religiosidade tão forte, forte mesmo, muito!" (Entrevista Narrativa, 2021) e não conseguir se perceber imersa nos preceitos de Cristo dentro da própria igreja e em outros espaços

que atravessavam seu corpo-território-LGBT+, sentindo sobretudo, ainda que tacitamente, os ferimentos advindos de sua orientação sexual *dissidente*. Nesse sentido, corpos-transviados são atravessados em sua constituição como sujeitos/as por questões morais e religiosas que moldam corporalidades, as quais zigagueiam no vai e vem de suas identidades: agoniando entre ser e *não ser*, entre céu e inferno, pecado e punição, medo e negação, chacotas e chicotes que constroem em si os conflitos que *permitem* ou *proíbem* suas existências.

Para suportar as opressões, Frida acionava os seus mecanismos de defesa, esquivava-se, intimidava-se, mascarava-se, arrediava-se... era capturada pela ideia de que "a sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada" (Goffman, 1985, p. 21). Assim sendo, talvez por não habitar armários de vidro, e por seus ritos performativos estarem próximos da feminilidade esperada, tinha a possibilidade de se manipular, moldar-se aos gestos e comportamentos *adequados*; contudo, tornou-se refém desse próprio sistema que cria, diferencia e exclui. Ademais, ainda que se sentisse ferida, a relação dela com a escola era amenizada por sua diferença não ser tão marcante.

De acordo com Foucault (2010a, p. 96), "[...] é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos". Ela, em nome da autoridade de ser professora, forjava uma outra identidade para inspirar nos/nas outros/as – em especial alunos/as – o respeito necessário para legitimar sua prática docente, pois sua existência transviada não está *qualificada* à ordem do discurso. Então, ressignificava a si e a sua prática camuflando sua sexualidade *dissidente* porque, sendo discreta, podia (re)posicionar o seu corpo-transviado em um outro lugar dentro dos sistemas cis heteronormativos

esperados que fabricam corpos docilizados, professoras *comportadas, virtuosas, gentis e destituídas de sexualidade* (Louro, 2014).

Scott (1998, p. 304) completa afirmando que “tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressivos, mas não sua lógica ou seus funcionamentos internos; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída em relação mútua”. Nesse caso, o que se mantém visível é a permanência de um único regime de verdade: a *cis* heterossexualidade como norma, como regime político, atravessada pelos princípios do *cristianismo* (e também de outras divindades), porém desprezando a construção da diversidade, do amor e respeito ao próximo pregadas por *Aquele* que inspirou a própria doutrina cristã.

Nesse contexto, as experiências que podem ser visibilizadas são aquelas que vão ao encontro da norma, as que passam despercebidas na e pela paisagem, as que não requerem notas explicativas; caso contrário, são capturadas e envolvidas sistematicamente por seus mecanismos repressivos. As experiências trazidas pelos professores/as transviados/as repetem-se nas experiências de seus/suas alunos/as transviados/as, como um ciclo ininterrupto de fabricação de corpos cristãos *cis* heteronormatizados e escancaram, em certos momentos, os (re)posicionamentos e as (im)possibilidades de intervenção dos corpos-territórios-LGBT+ na docência em seu sentido mais representativo, uma vez que “[...] nas práticas discursivas escolares há uma forma de pertencimento posta em curso; há uma identidade (im)posta, manifestada e mantida por força da ideologia” (Rios, 2008, p. 157), também com vieses religiosos que adentram os muros da escola.

[...] e na mesma onda de Tom [Tom é repellido por ser um aluno ‘demais’, segundo os/as seus/suas professores/as], outros dois alunos que... têm uma expressão estética parecida e que tive menos relação porque foram meus alunos, mas eu não tive aproximação fora da escola, mas que acompanhei a trajetória deles. É... sempre muito produzidos, muito montados, adoravam

maquiagem, costura, moda, cabelo, participavam de desfile escola... de consciência negra tudo e tal... mês passado, a gente ficou sabendo que eles estavam no processo de abandonar a identidade gay, no processo de cura gay...da igreja evangélica e... e batizados em Cristo, e entregando a vida em Cristo e abandonando os pecados. Então, assim, isso me deixou muito mal... muito mal, porque eu entendo, não posso influenciar nisso se for uma decisão deles de, não é... de deixar de ser gay, porque eu não acredito que ele vá deixar de ser gay, mas de manifestar isso para a sociedade, mas eu não esperava porque era uma pessoa muito, muito, muito segura da sexualidade. E que ia pra escola toda produzida, e que tá no processo de deixar isso de lado. Então, eu vejo que isso acontece muito, em algumas famílias, ali que vão condicionando esses corpos a uma outra coisa (Billy, professor *cis* bi/pansexual, em Entrevista Narrativa).

O relato de Billy aproxima-se da fala de Frida, em que o *condicionamento* do corpo à existência *cis* normalizada torna-se um processo coercitivo da norma e para a norma (“‘Meu Deus, todo mundo tá vendo!’ e como todo mundo tá vendo, não poderia ver, isso tem que ser velado”). Esses relatos, juntamente com o de Babafemi a seguir, revelam a impotência de ação e a produção de sentidos subumanizadas pois retratam a fuga daquilo que eles mesmos representam como corpo-território-LGBT+ na docência, a negação de suas existências e a readequação à *cis hetero* normalização e à normatização *de cura* do corpo-transviado, o qual passa por esse processo de domesticação impulsionada por *forças ideológicas*, conforme pontua Rios (2008), e pelo poder disciplinar que “[...] fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (Foucault, 2013, p. 133, grifos do autor), *anestesiados*. Para Miranda (2020, p. 68), “É justamente esse processo de anestesia que deve ser banido da educação”, defendendo a necessidade de se escapular dos regimes que reproduzem ideologicamente o controle dos corpos, *que soterram afetos e universalizam sensibilidades*. Outro ponto importante tocado por Billy refere-se à impossibilidade de que ele pudesse interferir

nessa decisão tomada por seus alunos, em que seu poder de influência talvez pudesse despertar poderes outros (ou problemas outros) com seus familiares. Baseado nisso, percebe-se que a norma demonstra o poder centralizador, domesticador e impulsionador de *verdades* defendidas pelo sistema. Nesse modelo, as máscaras são invocadas e “[...] a noção de que uma representação apresenta uma concepção idealizada da situação é, sem dúvida, muito comum” (Goffman, 1985, p. 40).

Os trechos a seguir, extraídos da entrevista de Babafemi, revelam a importância de sua representação na docência ao ser procurado, ao receber um pedido de ajuda de outros corpos-transviados, e como a representatividade do corpo-território pode combater a ocorrência de discriminações e preconceitos.

Dentre essas situações que eu te falei, a maioria foi pedido de socorro! É... ‘Olha, você é gay! A gente sabe que você é gay, então, me ajude! Eu estou sofrendo!’ A gente percebe que ele está sofrendo... A garota [uma aluna que, reconhecendo nele um corpo-território, buscou sua ajuda para entender a própria sexualidade] é..., hoje, inclusive, ela tá tendo uma experiência meio chata assim de dizer que tá na igreja, mas ela não diz que não é mais lésbica, mas ela me diz que tá indo pra igreja, então, talvez ela esteja com a mente um pouco confusa (Babafemi, professor cis gay em Entrevista Narrativa, 2021).

Desse modo, conforme mostram os relatos, a igreja ou a religião, de alguma forma, impactam a vida da população LGBTQ+, despontando, muitas vezes, como algo que atravessa as identidades e as condiciona a refletir sobre a própria sexualidade, bem como buscando aquela *concepção idealizada da situação* acerca da própria existência e causando também, muitas vezes, conflitos na saúde mental. Os pedidos de socorro que se aproximaram e se aproximam das corporalidades de Babafemi mostram que não somente os/as alunos/as são afetados/as por esses atravessamentos, que ocorrem independentemente da posição ocupada pelo corpo-transviado na escola ou do conhecimento e recursos que têm para acionar seus

mecanismos de defesa. Advindos, entre outros fatores, de interpretações feitas da religiosidade, os preconceitos mostram que aquele/a que os pratica coloca-se em superioridade, torna-se possuidor/a de verdades que *obrigatoriamente* devem ser seguidas.

Eu já tive situações com colegas que fazem... que lidam com religiões de matrizes africanas... com essas doutrinas e comentários a respeito da sexualidade, relacionando com o fato de que são sexualidades demoníacas e, aí, eu tive que, realmente, tomar uma postura. Ser enfrentante com essas colegas desde quando elas... não poderiam mesmo por uma questão de ética. E essas falas dentro de uma casa de educação, e foi tremendo a ponto de eu quase... quase processar a pessoa. Isso já tem uns 5 anos, sobretudo porque ela estava em uma posição de gestão (Babafemi, professor gay em Entrevista Narrativa, 2021).

Percebemos através dos relatos narrativos que os preceitos religiosos cristãos atuaram como régua balizadora das práticas permitidas e proibidas para os corpos, anunciados nas narrativas desses/as colaboradores/as da pesquisa – o sofrimento, a inadequação, o pecado, a condenação pelos transvios, as discriminações e os preconceitos constituem-se indicadores importantes na constituição dos seus próprios corpos-territórios-LGBT+. Nota-se, ainda, a potente desvalorização do corpo-território/transviado-racializado quando este se associa a religiões de matrizes africanas, demonizando sua raça e sexualidade *dissidentes* e vinculando-as ao não sagrado, às imagens e narrativas desumanizantes, à religião que não se legitima pela ótica exposta, “[...] porque a marginalidade social conecta-se com a marginalidade sexual” (Pinho, 2008, p. 271) e, dessa forma, está assujeitada à reprovação do/a outro/a.

Assim sendo, utilizam a religião/religiosidade/igreja como provocadoras de conflitos em parceria com a moral produzida por e para a cis heteronormatividade, veiculada não apenas como a grande verdade, mas a mais verdadeira de todas elas. Além disso, testemunham essas ocorrências nas formações de seus/suas estudantes como um ciclo ininterrupto de poder

e controle, docilização e evangelização por e para o cristianismo, desprezando qualquer outra diferença que não representa a norma. “Vivemos em uma sociedade que, em grande parte, marcha ‘ao compasso da verdade’ - ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por esse motivo poderes específicos” (Foucault, 2019, p. 346, grifos do autor).

Podemos dizer que fundadas nesta base se impuseram, através de medidas ideológicas e mesmo da violência material, algumas imagens ou modelos de raça e gênero que comporiam o repertório da nacionalidade e, em consequência disso, uma coleção de estereótipos a povoar o imaginário social, colaborando para a fixação de um lugar subalternizante e/ou folclorizante para afrodescendentes. Podemos chamá-las de Imagens de Raça e Gênero, pressupondo que estas se condensaram em representações imediatamente reconhecíveis. Por outro lado, estas imagens se formaram em um limiar ou limite entre acomodação, conflito, resistência e imposição da opressão (Pinho, 2004, p. 112).

Assim, a docilização dos corpos e seus condicionamentos funcionam como dispositivos de reconhecimento fabricantes de subumanidades sob o escudo de *verdades* milenares que rejeitam outras condições existenciais além daquelas estabelecidas pela norma. Nesse compasso de verdade, criam-se os modelos reconhecidos pela norma, a qual vigia os modelos de religião, raça, sexualidades e gêneros que devem ser disseminados sobre o imaginário social, bem como aqueles que devem ser eliminados por suas *representações imediatamente reconhecíveis* pela raça, pela sexualidade e pelas religiões *não autorizadas*.

“Tenho sentidos já dormentes, o corpo quer a alma entende”: (in)quietações (in)conclusivas

De tudo o que foi dito, ao não contratar professores/as transviados/as, ao negar amor ao corpo-transviado, ao (se) reprimirem as corporalidades, ao (se) constituírem como

pecadores/as, ao (se) imporem uma cura aos corpos-territórios-LGBT+, ao (se) camuflarem em seus armários etc. esses/as sujeitos/as (re) produzem os ritos performativos embalados/as nos julgamentos e nas recusas: o “*Você é, mas não pode ser!*” e o “*Eu sou, mas não posso!*” traduzem igualmente a impotência de como essas existências foram concebidas, mesmo em espaços de representação e representatividade, e produzem, muitas vezes, corpos dormentes, anestesiados.

Nesse passo, observamos que a religião/religiosidade também adentra esse espaço para neutralizar outras formas de crença ou existências *transviadas*, tentando adequar as identidades à única forma concebida pela cis heteronormatividade cristã. Dessa forma, o discurso e a linguagem – também representados/as pelos olhares – atuam como dispositivos de opressão, como “Um conjunto de coisas ditas ou escritas que têm impacto na vida social, cuja finalidade é, fundamentalmente, a produção de ideologias e ao mesmo tempo se expressa por meio dela”⁷ (Curiel, 2013, p. 37, tradução nossa).

Portanto, a constituição do corpo-território-LGBT+ é atravessada por essas práticas discursivas que subalternizam, produzem a diferença, assujeitamentos, hierarquizam sujeitos/as e comportamentos, bem como estipulam regras, lugares permitidos e não permitidos para os corpos-transviados. “As diferenças podem, assim, dizer respeito ao *modo de sujeição*, isto é, à maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática” (Foucault, 2010b, p. 35, grifos do autor). Entre outros poderes que controlam e domesticam os/as sujeitos/as, indubitavelmente, a igreja, as crenças e suas diferentes interpretações religiosas, seus ritos performativos, é um dos mecanismos poderosos mais dedicados à sujeição cis hetero normalizadora e normativa

7 “[...] un conjunto de cosas dichas o escritas que tienen impacto en la vida social, cuyo fin es, fundamentalmente, la producción de ideologías y a la vez es expresado por medio de ella (Curiel, 2013, p. 37)”

dos corpos-transviados. Desse modo, o corpo-transviado é (in)quietado por essas normas religiosas, por esses ritos performativos, que controlam, silenciam e conflituam essas existências.

Diante do exposto, é possível responder à pergunta que encabeça o título desse artigo? É preciso refletir, pois cada um/a de nós vive assujeitado/a a essas normas, as quais nos (des) constroem (e a outros/as destroem, adoecem, adormecem) aos poucos e a cada dia, embora muitos/as se acostumem a compartilhar sua existência com seus/suas demônios/as. As dúvidas sempre estarão conosco. A única certeza: é preciso, diuturnamente, (re)existir e esperar junto aos versos finais da música cantada por Renato Russo: “E nossa história não estará pelo avesso. Assim, sem final feliz. Teremos coisas bonitas pra contar. E até lá, vamos viver. Temos muito ainda por fazer. (Não) olhe pra trás. Apenas começamos. O mundo começa agora”

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. **Brasil, ano zero**: estado, gênero, violência. Salvador: EDUFBA, 2021.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: Edufba, 2017.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: Edufu, 2015.
- CURIEL, Ochy. **La Nación Heterosexual**: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. 1. ed. Bogotá: Em la frontera, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/477328884/Ochy-Curiel-La-nacion-heterosexual>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. Trad. Maria Carolina Nogueira Dias e Helena C. Chamliam. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2010b.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território e educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- PINHO, O. Relações raciais e sexualidade. In: PINHO, A. O.; SANSONE, L. (Orgs.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. 2. ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 257-283. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/3tqqd/pdf/pinho-9788523212254-10.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. **Cad. Pagu**, n. 23, p. 89-119, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200004>. Acesso em: 2 nov. 2022.
- RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Entre a roça e a cidade**: identidades, discursos e saberes na roça. 214 f. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11124/1/>

[Jane%20Rios%20parte%201.pdf](#). Acesso em: 3 mar. 2020

[php/revph/article/view/11183/8194](#). Acesso em: 8 mar. 2021.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência.

Projeto História. São Paulo, n. 16, p. 318, fev. 1998.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index>.

Recebido em: 17/02/2023

Aprovado em: 11/12/2023



Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.